



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na sexta-feira	IBovespa nos últimos dias	Na sexta-feira	Últimos	Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,61% São Paulo 0,95% Nova York	183.104 179.364 3/34/35/36/3	R\$ 5,243 (- 0,82%)	R\$ 1.621	R\$ 6,084	14,90%	14,74%	Setembro/20250,48 Outubro/20250,09 Novembro/20250,18 Dezembro/20250,33 Janeiro/20260,33

»Entrevista | **MAÍLSON DA NÓBREGA** | ECONOMISTA, EX-MINISTRO DA FAZENDA E SÓCIO DA TENDÊNCIAS CONSULTORIA

A proposta é considerada irresponsável no momento atual, sobretudo em ano eleitoral, segundo o ex-ministro. Em novo livro, ele defende que o aumento da produtividade é o caminho para o Brasil se tornar um país rico

“Fim da jornada 6X1 é inflação na veia”

» ROSANA HESSEL

As eleições presidenciais de 2026 caminham para a polarização e correm o risco de deixar de lado um debate crucial para que o Brasil não continue preso na armadilha da renda média baixa, sem uma agenda voltada para a produtividade, de acordo com o economista e

ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, que não poupa críticas ao avanço da proposta de fim da escala 6x1. “Essa medida é irresponsável, sem uma avaliação adequada de suas consequências”, afirma, em entrevista ao **Correio**. Segundo ele, como a produtividade do país está estagnada, reduzir a escala agora, em pleno ano eleitoral, será um tiro no pé, uma vez que a finalidade da proposta

é eleitoreira e trabalhadores e empresas sofrerão as consequências. “Ninguém pode ser contra a redução da jornada de trabalho, desde que ela seja promovida como consequência de ganhos de produtividade. Não é o caso brasileiro”, explica. “Redução da jornada de trabalho na presença de produtividade estagnada é custo e inflação na veia”, frisa. Em seu novo livro, “O Brasil ainda pode ser um país rico? – O desafio da produtividade”,

lançado no mês passado pela editora Matrix, o ex-ministro detalha a trajetória percorrida por vários países ricos desde a Antiguidade até chegar ao debate atual sobre o aumento da produtividade como caminho para que um país se torne rico. “Todos os países que se tornaram ricos o fizeram com ganhos expressivos de produtividade”, afirma. O ex-ministro não poupa críticas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva por “se

conformar” com crescimento baixo do Produto Interno Bruto (PIB), de 2,3% em 2025, e por não se preocupar com a questão fiscal, que poderá gerar uma crise grave em 2027. Ao mesmo tempo, diz ser otimista de que ainda há tempo de o país corrigir a rota, especialmente se melhorar a qualidade da educação e retomar a agenda de privatizações. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Como avalia o debate sobre o fim da escala 6x1 em meio às eleições deste ano? Qual é o impacto dessa mudança na produtividade do país, que é baixa?
Essa medida é irresponsável, sem uma avaliação adequada de suas consequências. A redução de jornada de trabalho vem ocorrendo no mundo desde o final do século XIX, começando na Inglaterra. E ela sempre respondia ao ganho de produtividade, que permitiu uma escala de trabalho mais curta. A produtividade é uma questão-chave nesse processo. Mas, o Brasil está com a produtividade estagnada. Então, essa medida vai gerar aumento de custos de produção. Isso tende, ao contrário do que seria desejável para esse benefício, além de reduzir a produtividade da economia, pode aumentar o repasse aos preços, gerando mais inflação.

Essa proposta, então, será um tiro no pé?
Sim. Mas, infelizmente, ela tende a ser aprovada no Congresso, porque é uma medida popular. Os brasileiros consultados não têm como fazer as contas e não têm como avaliar a situação. As pesquisas mostram que a maioria é favorável. E é difícil imaginar que os parlamentares deixem de aprovar essa medida, porque se votarem contra, podem perder votos. Acho que isso pode ser a verdadeira herança maldita do Lula. Ele declarou, no primeiro mandato, que tinha recebido uma herança maldita de Fernando Henrique Cardoso (em 2002), mas recebeu uma herança bendita. E, agora, Lula pode deixar uma herança maldita, que pode ser para ele próprio, se ganhar as eleições. Agora é a hora de o Congresso refletir sobre as consequências dessa medida, examinar o projeto com responsabilidade, ouvir os especialistas, ouvir as empresas e ouvir as federações que estão fazendo o cálculo do custo dessa medida. Ela é totalmente prejudicial à economia brasileira e, em outras palavras, aos próprios trabalhadores.

E faz sentido discutir redução de escala quando o desemprego está no piso, em 5,4%, no trimestre encerrado em janeiro?
É, mas o desemprego vai voltar a aumentar. Acho que o fundamental é a questão da produtividade. Redução da jornada de trabalho na presença de produtividade estagnada é custo e inflação na veia. E isso vai prejudicar, sobretudo, as pequenas e médias empresas. O comércio varejista, praticamente todo, tem jornada de 6x1. Enfim, esse é um processo examinado sem a devida consideração de seus efeitos negativos. Ninguém pode ser contra a redução da jornada de trabalho, desde que ela seja promovida como consequência de ganhos de produtividade. Não é o caso brasileiro.

Em seu livro, o senhor destaca a importância do debate sobre produtividade para que o país volte a crescer de forma mais acelerada e se torne um país rico. Mas o PIB desacelerou ao crescer 2,3% em 2025 e deve avançar menos neste ano. Até quando o Brasil continuará nesse ritmo?
O grande desafio para o Brasil crescer é a questão da produtividade. A

Divulgação



Lula vai deixar uma herança maldita, que pode ser para ele próprio, se ele ganhar as eleições”

“Na verdade, o que é estratégico para o Brasil é a educação, porque ela tem a ver com a produtividade. Não é ter empresa estatal”

“Ninguém pode ser contra a redução da jornada de trabalho, desde que ela seja promovida como consequência de ganhos de produtividade. Não é o caso brasileiro”

Uma das dificuldades para o Brasil integrar o clube dos ricos é ter perdido o bônus demográfico, além de outras oportunidades ao longo do caminho...
Na verdade, nós não perdemos, nós não aproveitamos o bônus demográfico. No período do bônus demográfico, tivemos o desastre do governo Dilma e a mediocridade dos anos do PT no governo. Apesar do bom desempenho do PIB no último ano do segundo mandato de Lula (quando o PIB cresceu 7,5%), de modo geral os resultados foram medíocres, mas o PT se vangloria deles. O partido deveria fazer uma reflexão mais profunda e se modernizar. O Brasil não cresce como países como Chile, Turquia, Coreia do Sul, Indonésia ou Malásia porque temos uma produtividade estagnada nos principais segmentos da economia.

E qual a sua avaliação do governo Bolsonaro?
Acho que a crítica ao governo Bolsonaro é que também foi um governo medíocre. Embora tenha feito uma reforma importante, a da Previdência, ela já estava muito amadurecida no governo Michel Temer.

Que caminho o país precisa trilhar para aumentar a produtividade? É pela educação?
A produtividade resulta de uma miríade de fatores. E o fator número um é a educação, porque é ela que forma a mão de obra de qualidade e prepara os empresários brasileiros para lidar em ambientes competitivos. Isso estimula a inovação. E a inovação é, por excelência, o caminho para

o ganho de produtividade, porque permite fazer mais com os mesmos recursos. Mas há outros fatores que influenciam, como a privatização. Vários estudos mostram que as empresas estatais privatizadas se tornam mais produtivas.

O caso da Embraer é emblemático, não é?
Exatamente. Elas se livram do controle do governo, livram-se da renovação muito rápida de suas lideranças, pelo menos uma vez a cada governo. E ficam sujeitas aos critérios da concorrência pública. O Banco do Brasil, uma vez, ficou dois anos sem renovar o seu parque de computadores porque, em uma concorrência, o perdedor entrou no Judiciário.

No seu livro, inclusive, o senhor critica o discurso do papel estratégico das estatais para justificar a existência delas....
Pois é. Na verdade, o que é estratégico para o Brasil é a educação, porque ela tem a ver com a produtividade. Não é ter empresa estatal. A empresa estatal fazia sentido no Brasil até os anos 1950-1960, quando havia falhas de mercado.

E a Embraer, que é elogiada. Qual sua avaliação?
Quando a Embraer foi criada, era a única fonte de pesquisa que o Brasil tinha. Agora, criar uma empresa estatal para ter a flexibilidade do setor privado era uma medida adequada. Hoje, é preciso questionar se a Embraer não pode se tornar uma empresa privada, porque já há empresas

privadas pesquisando tanto quanto ela. E, como empresa privada, ela viveria da venda das patentes de suas pesquisas. Uma das bases do sucesso da Embraer são os seus talentos. Daqui a pouco, ela pode começar a perdê-los. E isso precisa ser objeto de uma discussão séria e responsável, sem influência ideológica de qualquer natureza.

Especialistas sempre falam que o Brasil está preso na armadilha da renda média baixa. Tem como escapar disso?
Tem. Eu falei muito da educação, mas outros fatores também influenciam a produtividade, como as privatizações. A armadilha da renda média está diretamente ligada a essa questão. Países que saem da pobreza e alcançam renda média avançam quando atraem capital estrangeiro com tecnologia e quando há migração do campo para a cidade, com trabalhadores mais treinados e produtivos. No início desse processo, incentivos fiscais e até algum protecionismo podem se justificar, quando geram ganhos de produtividade. Mas chega um momento em que esses fatores se esgotam. A partir daí, a armadilha da renda média só é superada por meio da inovação, principal motor do aumento de produtividade. No Brasil, porém, o governo ainda adota estratégias de desenvolvimento e políticas industriais que faziam sentido há 60 ou 70 anos. Não se justifica, por exemplo, tratar a indústria automobilística como indústria infante, pois ela está no país há mais de 70 anos. Protecionismo e subsídios acabam gerando acomodação. Também não vemos o governo comprometido com um objetivo central de aumento da produtividade. Isso deveria ser um objetivo nacional. Programas como Bolsa Família, Pé-de-Meia e Auxílio Gás têm méritos e ajudam a reduzir pobreza e desigualdade, mas não são suficientes para impulsionar o crescimento. Por isso, uma crítica que faço no livro é que o PT, ao contrário de partidos de esquerda europeus, ainda permanece preso a visões equivocadas de gestão econômica.

Qual é a principal mensagem no livro? É possível o país ser rico?
Eu digo na introdução do livro que ele poderia ser apenas os dois últimos capítulos, mas achei importante contar como a economia mundial evoluiu nesses últimos milênios, desde a Antiguidade. Decidi não assumir uma posição e deixar que o leitor conclua. Mas, respondendo à sua pergunta, o Brasil tem condições de se tornar um país rico. O desafio é vencer os fatores que hoje emperram o país. É enfrentar a questão fiscal. É avançar na modernização do ideário econômico do PT. É ganhar produtividade para compensar a perda do bônus demográfico. É continuar e acelerar o processo de privatizações e fazer reformas estruturais. Isso, sim, cria as condições para o Brasil começar a se tornar um país rico. O Brasil precisa vencer esses desafios. O país tem condições para crescer, como abundância de recursos naturais e um sistema financeiro comparável aos melhores do mundo. As condições estão dadas, o elemento-chave é a liderança.